

Tales Faria

Lula trouxe o que queria do G7

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi ao encontro da cúpula dos sete países capitalistas mais fortes do mundo, o G7, para fazer a sua campanha à reeleição no Brasil. De lá, mandou um recado aos eleitores independentes e aos que estão indecisos entre ele e os candidatos de direita para o Palácio do Planalto: “Eu nunca fui esquerdista.”

Este foi o momento planejado por Lula para ser, de fato, o mais importante de sua viagem: ser bem recebido num encontro com a cúpula dos dirigentes capitalistas do mundo e mostrar aos eleitores brasileiros de que ele é apenas um político experiente na arte da negociação. Que sabe falar duro quando é necessário, mas também sabe dialogar com o adverso.

Ele deu o recado ao Brasil em uma conversa descontraída com o primeiro-ministro da Alemanha, Friedrich Merz, e a diretora-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), Kristalina Georgieva.

Ao falar da participação de nomes de direita e esquerda em países como Estados Unidos, Reino Unido e França, o brasileiro sublinhou que a esquerda ficou menos tempo no poder nestes países do que a direita, o que, segundo ele, provaria que o mundo não é de esquerda: “O mundo é do caminho do meio. Essa é a verdade.”

Georgieva comentou que, no seu primeiro mandato, todos esperavam que Lula fosse um esquerdista, mas ele não agiu como um socialista. O presidente brasileiro respondeu: “Eu era um dirigente sindical que tinha uma belíssima relação com o sindicalismo alemão, tinha uma relação com o sindicalismo italiano, com a UGT espanhola.”

Há diferenças entre sindicalismo e esquerdismo. O sindicalismo surgiu para minimizar condições precárias enfrentadas pelos trabalhadores. Organiza-os em sindicatos para defender objetivamente seus direitos e negociar melhores condições de trabalho. Os esquerdistas são aqueles que abraçam o socialismo, uma ideologia política e econômica que busca a sociedade onde todos tenham acesso igualitário às oportunidades.

Adversário de Lula pelo PSDB nas eleições presidenciais de 2002 e 2010, o ex-ministro da Saúde e do Planejamento José Serra costumava dizer: “Eu sou mais socialista do que o Lula.” Nem o PT gostava de ouvir isso. Mas agora, nas disputadas eleições deste ano, em que uma parcela da direita pode apoiar o bolsonarismo, vale para Lula lembrar que ele nunca foi socialista.

Enganou-se também quem pensava que o presidente foi ao G7 apenas para tentar a conversa com aquele que traz mais problemas para o Brasil no momento, o presidente dos EUA, Donald Trump. E que este o esnobaria. Trump e Lula se encontram e, segundo o presidente dos EUA, foi longamente. Não se sabe ainda detalhes. Mas não parece ter sido decisiva, nem boa o suficiente para qualquer dos lados. Foi um início de conversa, como Lula, antes da viagem, havia dito que queria que fosse.

Publicamente, os dois tiveram um encontro rápido. Cruzaram-se num corredor, quando Trump deu um tapinha no ombro do brasileiro e disse: “Good job” (bom trabalho em inglês). Um gesto de simpatia, apesar das trocas de farpas, como quando Trump disse que o Brasil “é perigoso”.

Lula volta do G7 com o que queria: material para a sua campanha.

Fernando Molica

Tiros, oração e tragédia

As imagens que mostram o cabo da PM paulista Cauan Alencar Bastos rezando o “Pai-Nosso” para pedir a Deus que evitasse a morte de um homem em quem ele acabara de disparar seis tiros ilustram a tragédia de um país que transformou a violência em rotina. O alvo, o electricista Igor Eduardo Hyppolito Rodrigues, de 45 anos, que tomava remédios para controlar a esquizofrenia, morreu.

Não se pode descartar a possibilidade de o policial ter simulado a própria comoção para, assim, tentar amenizar sua responsabilidade — ele sabia que tudo estava sendo gravado por uma câmera corporal. Pouco antes, ele dissera ao companheiro de ronda que iria matar o homem que, supostamente, havia ameaçado com um facão um motociclista com quem tivera uma briga de trânsito: “Peraí que vou matar ele, eu vou dar tiro”, disse Bastos, em 29 de abril, pouco antes de executar o que planejava.

Mas a eventual falsidade do PM não descaracteriza o drama nosso de cada dia, o processo de banalização da morte tão incentivado por muitos setores da sociedade. O motociclista não havia sido ferido, mas os policiais tinham, claro, a obrigação de tentar prender o sujeito autor da ameaça.

Mas só em uma sociedade ensandecida é possível que um homem armado pelo Estado seja capaz de disparar seis tiros contra um suspeito que sequer portava arma de fogo — o fuzilamento ocorreu antes de qualquer tentativa de prisão.

Ao anunciar para o colega que iria cometer o homicídio, Bastos fez o que muita gente espera dele. Pessoas que veem na polícia um grupo de assassinos, não uma corporação destinada a garantir a segurança de todos nós.

Na PM paulista desde 2019, o cabo só fez o que fez por contar também com a impunidade, quicá com uma promoção. Em 2015, o então tenente da mesma PM, Guilherme Derrite, afirmou ser vergonhoso um policial não ter, em cinco anos, participado de, pelo menos, três mortes. Em 2018, ele seria eleito deputado federal com 119.034 votos; quatro anos depois, foi o preferido por 239.772 eleitores. Virou secretário de Segurança e, com o mote do combate aos bandidos, é candidato ao Senado.

A possibilidade de o PM ter sido sincero em sua prece é indicada por outras cenas do mesmo vídeo divulgado pela PM. Nele, Bastos se dirige ao ferido, pede para que ele não morra (“Por favor, respira, irmão”), avisa da chegada da ambulância.

Em mensagem de áudio para sua companheira, ele afirma que acabara “de disparar em um maluco aqui”, que a vítima estava morrendo e que iria tentar salvar a sua vida. Logo depois, sozinho, reza o “Pai-Nosso”. Depois, na delegacia, apresentaria uma versão que se revelaria mentirosa, alegou que ele e o outro PM haviam sido atacados por Rodrigues.

Para a Justiça, pouco importa o eventual arrendimento do cabo Cauan Alencar Bastos, ele — que matou um homem de forma covarde — que se entenda com Deus. Mas o vídeo que registra seu comportamento depois do crime deveria servir como um ato de contrição para ele e para uma sociedade que aposta na crueldade. Valeria repetir e ampliar o verso final da oração mais popular entre os cristãos: livrai-nos do mal, inclusive daquele praticado e estimulado por tanta gente. Amém.

EDITORIAL

Sempre é só depois da tragédia

No Brasil, há uma frase repetida com frequência que revela muito sobre a forma como lidamos com problemas públicos: foi preciso acontecer uma tragédia. A expressão surge após acidentes, desastres, mortes evitáveis e episódios que, em muitos casos, já haviam sido anunciados por moradores, especialistas ou órgãos de fiscalização. É uma constatação dolorosa e, ao mesmo tempo, um retrato persistente do país.

A recente morte de uma jovem em uma área conhecida pelos riscos reacendeu um debate antigo. Somente após a perda irreparável de uma vida, medidas emergenciais foram adotadas, acessos foram interditados e providências começaram a ser tomadas. O episódio não é isolado. Pelo contrário. Ele se soma a uma longa lista de acontecimentos que expõem uma cultura reativa, em vez de preventiva.

Ao longo das décadas, o Brasil acumulou exemplos de tragédias que poderiam ter sido evitadas. Encostas que deslizam após alertas ignorados, estruturas deterioradas que desabam depois de anos sem manutenção, vias perigosas sem sinalização adequada e áreas de risco que permanecem abertas apesar dos avisos constantes. Em muitos casos, o perigo era conhecido. O que faltou foi ação.

A lógica parece se repetir independentemente do tema ou da região do país. Primeiro surgem os alertas. Depois vêm as denúncias

e os pedidos de providência. Em seguida, o silêncio administrativo. Somente quando ocorre o pior é que a mobilização ganha força, impulsionada pela comoção pública e pela repercussão do caso. É quando aparecem promessas, interdições e anúncios de mudanças que, infelizmente, chegam tarde para quem perdeu a vida.

Essa dinâmica revela um problema estrutural da gestão pública brasileira. Governar não significa apenas responder às crises, mas antecipá-las. Planejamento, manutenção e fiscalização não produzem manchetes grandiosas, mas salvam vidas. E salvar vidas deveria ser o principal objetivo de qualquer política pública.

Há também uma responsabilidade coletiva. A sociedade precisa exigir ações preventivas com a mesma intensidade com que cobra respostas após as tragédias. Não se pode aceitar a normalização do improvisto nem a ideia de que acidentes são inevitáveis quando os riscos já eram conhecidos.

Cada tragédia deixa famílias destruídas e comunidades marcadas pela dor. Mas deixa também uma pergunta incômoda: quantas vidas ainda precisarão ser perdidas para que a prevenção deixe de ser exceção e se torne regra? Um país verdadeiramente comprometido com seu futuro não espera o pior acontecer para agir. Ele age justamente para impedir que o pior aconteça.

Opinião do leitor

Brilhante corrida

Fantástico, sensacional, histórico! Lewis Hamilton regressa aos triunfos e vence pela primeira vez na Ferrari no Grande Prêmio de Barcelona de F-1! Foi emocionante! Hamilton já era uma lenda, ficou ainda maior.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo - SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas - SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.